

Flávia de Barros Carone. *Morfossintaxe*, 2ª ed., São Paulo, Ática, 1988, 109 pp.

Compõe-se o presente livro de seis partes, a saber: Pressupostos teóricos, Morfologia, Sintaxe, Conclusão, Vocabulário crítico e Bibliografia comentada. Tratando em secções separadas Morfologia e Sintaxe, ao livro caberia melhor o título de Morfologia e Sintaxe. A autora é Doutora em Letras e professora na Universidade de São Paulo.

Tal como o Prof. Horácio Rolim de Freitas, fez a Drª Flávia de Barros Carone preceder também a sua exposição de breve discussão teórica dos fundamentos da Morfologia. Seria, pois, de esperar que tivesse iniciado a sua apreciação teórica pelo conceito de Morfossintaxe. Na verdade, qual o seu conceito, pois o tema anda, parece, mal definido. Extraio, para exemplo, a definição que leio em Dubois et alii, *Dictionnaire de Linguistique*, 1973, trazendo-a para o português: "A morfossintaxe é a descrição (1) das regras de combinação dos morfemas para formar palavras, sintagmas e frases, e (2) dos afixos flexionais (conjugação e declinação)".

Portanto o autor do verbete separa **morfemas** de **afixos flexionais**, dando, pois, entender que aí **morfemas** ocorre em sentido lato (morfemas gramaticais e lexicais), excluídos, porém, os afixos flexionais. Vê-se então que os morfemas combinam-se para formar palavras (coisa que, tradicionalmente, a Morfologia ensina), para formar sintagmas (termo ainda equívoco; a unidade **palavra** pode ser vista como um sintagma, o sintagma lexical de Mattoso Câmara Jr. ou o sintagma autônomo de Martinet, p. ex.) e até frases (função que tem sido atribuída à palavra, ou melhor, ao sintagma, unidade de ordem intermediária entre a Morfologia e a Sintaxe).

O que parece mais justo é considerar tanto a Morfossintaxe quanto a Morfofonologia disciplinas de transição entre, de um lado, Fonologia e Morfologia e, de outro, Morfologia e Sintaxe. O que há de caracterizar esses níveis de transição é, para usar um termo da própria autora (p. 58), a imbricação das unidades de um e outro.

Seguindo mais uma vez a Saussure, vejo o campo dos estudos lingüísticos atravessado por dois eixos, o paradigmático e o sintagmático (que não se há de confundir com o sintático). Portanto há uma Morfologia paradigmática (Morfêmica) e outra sintagmática (Morfotática). A primeira depreende, por comutação, as unidades que a integram e lhes descreve os tipos e valores; a segunda estuda a sua combinação e ordenação na seqüência linear da fala. Assim a depreensão dos afixos de língua é tarefa da Morfêmica, ao passo que a sua distribuição em prefixos, sufixos e infixos compete à Morfotática. Simples exemplificação.

A Morfossintaxe deve ser outra coisa: o estudos dos fenômenos de imbricação entre essas duas divisões da Gramática. A autora cita (p. 58) o caso da concordância, mas creio que o exemplo típico é o da flexão casual, que traz em si, imbricada, a virtual função sintática da palavra (exemplo, é claro, que não pode ser colhido na gramática portuguesa).

No tocante à definição de **sintagma** (p. 8), participo da posição da A. de estender o conceito ao plano fônico, como, aliás, faz Martinet (*Eléments*, p. 27). Admito, pois um sintagma fônico.

Algumas observações a título de comentário.

Na p. 15, ao se ocupar com os níveis de construção no plano do conteúdo, a A. intercala o **vocabulo** entre o morfema e a lexia. Por que não a **palavra**, já que se trata de unidades significativas?

Na p. 16 declara julgar o estudo do período composto mais assunto de Estilística que de Gramática. Remete para o capítulo a "Estrutura da oração", mas, nesse apartado, diz entender período no sentido que a gramática tradicional vulgarizou e, como tal, passa a dele ocupar-se. Realmente não vemos por que o período composto se há de situar no campo da Estilística, particularmente num momento em que os lingüistas começam a pesquisar fatos de natureza transfrástica, conforme propugnam as recentes análises da gramática do texto. E vamos antecipar um pouco, já que, como se diz, estamos com mão na massa. Vê a A. a coordenação e a subordinação como processos distintos de estruturação do período (p. 87) e não como subdivisões de um processo genérico de composição do período, do qual seriam subdivisões. Estou plenamente de acordo e devo acrescentar que foi meu saudoso irmão Hamilton Elia quem, pela primeira vez, debateu esse assunto comigo, chamando-me exatamente a atenção para o ponto. Parece-me, pois, acertada a proposta de Galichet (p. 91) de considerar composto apenas o período formado por coordenação; quando se estrutura por subordinação seria complexo.

A parte dedicada à Morfologia segue, em seus parâmetros, a linha-estruturalista, onde podemos encontrar em boa companhia Boomfield, Hjelmslev e Martinet.

Breve reparo. Ao tratar de morfemas supra-segmentais, inclui aí a A. a variação de intensidade: "A incidência de maior tonicidade numa ou noutra sílaba, no par **fábrica/fabrica**, é o elemento diferenciador do comportamento gramatical de cada uma dessas **palavras**: nome ou verbo" (p. 24).

Lembro, porém, aqui a advertência de Martinet (*Eléments*: 91-92) de que o que tem, no caso, valor distintivo é a posição do acento e não a sua força intensiva. Ou seja, o acento teria valor distintivo se, p. ex., a mesma sílaba **fa** de determinada palavra levasse à mudança de significado conforme a força do seu valor intensivo (como se dá com a diferença de tom).

A A. aceita um tipo de forma lingüística intermediária entre a forma livre e a presa: a forma dependente (p. 32). Vê-se, pois, que a criação de Mattoso Câmara Jr. tem feito fortuna.

Na p. 39 diz-nos que o uso dos gramemas derivacionais é, em parte, decisão do falante, ao passo que os flexionais a todos se impõe igualmente. Temos aqui, como se tem notado, uma distinção varroniana, trazida à baila, entre nós, pela primeira vez, por M. C. Jr.

Não me parece bem ensinar que "do verbo **pôr**, derivou-se **posição**" (p. 40). Se o tema é **po-** e o suf. **-ção** (cfr. **partir** → **partição**), o que deveríamos ter seria *poção. A solução, parece-me, é recorrer ao part. passado **posto**, do qual deduziríamos um SMT -to, para obter o radical **pos-**. Então, graças a uma famigerada vogal de ligação, chegaríamos a **posição**. O exemplo invocado pela A. portanto, não é bom.

Ao tratar dos regressivos (p. 41), modo de formação de palavras que alguns morfologistas rejeitam, mas que me parece necessário, inclui a A. a forma **chego** por **chegada**, a qual nunca ouvi no Rio de Janeiro; deve ser criação paulista.

Passando à Sintaxe, louvo a A. por ter ido buscar para melhor esclarecimentos de fatos dessa parte da Gramática as lições de Tesnière, infelizmente pouco aproveitadas

(penso, p. ex., no tempo que se tem perdido com as metamorfoses chomskyanas, felizmente ausentes da Bibliografia).

Ao se ocupar com os tipos frasais, foi a A. buscar a Buysens o conceito de *rese* (p. 48). Também dele já me vali, desde que se me deparou essa distinção num livrinho do mesmo Buysens, de 1943, *Les langages et le discours*. Mas, na verdade, não lhe empresto a significação que tem em Buysens. Defino *rese* como elemento de uma oração cujo sentido se completa com o contexto de situação. Assim, a exclamação **Fogo!** tem um sentido diante de um prédio incendiado e outro perante um pelotão de fuzilamento.

Concordamos também com a adoção pela A. da distinção de Tesnière entre ordem linear e o. estrutural, a qual supre, com vantagem, a inovação chomskyana de "estrutura profunda", por ele mesmo abandonada. Para aceitá-la recorre a A. à "intuição dos falantes nativos" (p. 53). Longe de mim querer negar a existência do conhecimento intuitivo, mas penso que se trata de outra coisa. Estamos no plano de uma verdade mais geral: o significativo é linear, mas o significado não o é; daí os tropeços que a realização verbal das unidades da língua na seqüência da fala vai encontrando.

Nas pág. 59-62, ocupa-se a A. em detectar "o centro da oração" e conclui ser ele o verbo, naturalmente à maneira de Tesnière, que vem seguindo. Distingue então (p.60) entre sujeito e predicado lógicos e suj. e pred. sintáticos. Dou-lhe parcialmente razão. Parcialmente porque, na análise da estrutura da oração, não se pode afastar **ab initio** as raízes lógicas da estruturação sintática, pois sem pensamento não há linguagem (com licença do Conselheiro Acácio). Cabe aqui recorrer ao conceito de estrutura profunda, que é uma realidade, não, porém, sintática e sim mental. É claro que só podemos organizar o nosso pensamento obedecendo à estrutura de nossa mente. E, pelo que podemos observar através das línguas existentes e já estudadas, raciocinamos sempre dualisticamente, isto é, sintetizando o ser e o vir-a-ser, o nome e o verbo, o estático e o dinâmico, tema e rema, tópico e comentário, conhecido e novo. Jespersen, em *The Philosophy of Grammar* (1924), distingue entre **junção** e **nexo**, este constituído sempre de duas idéias (p. 116), como em **the dog barks**. Delacroix (*Le langage et la pensée*, 1930) declara que "a linguagem exprime a substância, a ação e a relação" (p. 226), ou, em termos sintáticos, o sujeito (substância) e o predicado (a ação em sentido amplo, ou seja, o processo). Bloomfield (*Language* 1933) reconhece que a construção frasal tipo "actor-action" é a favorita nas línguas indo-européias (p. 172 da ed. de 41) e afirma que qualquer falante de língua inglesa não tem dificuldade em dizer que, em *Poor John ran away*, os constituintes imediatos são as duas formas **poor John** e **ran away**; espontaneidade, decorrente da estrutura lógica de mente humana. Hockett, também estruturalista descritivista, em *A Course in Modern Linguistics* (1958), ao exemplificar a análise em constituintes imediatos com a oração **This oil drum can be emptied in about five minutes**, logo a divide em seus IC desta forma (como, aliás, seria de esperar): **this oil drum / can be emptied in about five minutes**. Martinet (*Eléments de Linguistique Générale*, sem muita firmeza, é verdade, ao tratar da **expansão** (4-30), declara que "tudo, num enunciado, pode ser considerado **expansão** do monema predicativo, com exceção dos elementos indispensáveis à atualização desse monema, como o sujeito lá onde ele existe". Exemplifica com a oração **les chiens mangent la soupe**, onde **la soupe** é **expansão** do predicado, mas **les chiens** não o é. Em *Syntaxe Générale* (1985) tenta ser mais explícito e, alargando o exemplo para **Les chiens de la**

voisine mangent la soupe, esclarece: "les segments de la voisine et la soupe peuvent disparaître sans que l'énoncé cesse d'exister (Les chiens mangent)" (3-64). E, como se sabe, o próprio Chomsky, desde *Syntactic Structures* (1957), parte de uma **sentence** consistente de NP + VP (noun phrase + verb phrase). O que levou Jean Dubois e Françoise Dubois-Charlier, em seu *Éléments de linguistique française: syntaxe* (1970), a afirmarem como **segundo postulado** da gramática a existência, na estrutura profunda da frase, de um núcleo, sempre bimembre, constituído de sintagma nominal mais sintagma verbal: SN + SV (p. 18). Por todos esses motivos (e mais alguns) prefiro considerar sujeito e predicado como termos da oração fundados na estrutura lógica da mente humana e, em conseqüência, interdependentes.

Neste ponto, não posso deixar de manifestar a minha estranheza por, tendo partido da teoria sintática de Tesnière, haver chegado a A. a um tipo de análise que se quer mecanicista, qual seja a dos constituintes imediatos, creio que através da ponte da "aderência". Parece-me um casamento híbrido.

Na p. 87, diz a A. que não vai deter-se na apreciação da justaposição e da correlação "porque são variantes formais de subordinação e coordenação". De pleno acordo; é também o meu ponto de vista e já o expus no antigo *Jornal de Filologia* dirigido pelo Prof. Silveira Bueno.

É um prazer ver as novas gerações enfrentar temas severos da gramática, reavaliando-os à luz das novas aquisições da ciência da linguagem. E é com justa alegria que nós, os que procuramos ir-nos afastando discretamente das luzes das gambiarras, vemos que novos figurantes, bem equipados e bem dotados, vão assumindo, com galhardia, os espaços porventura deixados.

Sílvio Elia
